

VASCONCELOS, Tainá Macêdo. Do agreste ao litoral: Um caminho de pesquisa sobre o traje de cena do ator popular. São Paulo: Universidade de São Paulo. ECA/USP; doutorado em artes cênicas; Fausto Roberto Poço Viana.

RESUMO

Este artigo apresenta o caminho de pesquisa sobre traje de cena do ator popular que venho traçando no doutorado. O caminho natural para uma pesquisa como essa seria remontar o percurso histórico, por meio de referencial teórico e conceitual, porém optei por iniciar pelo entendimento da experiência de quem veste o figurino, o ator. Contagiada pelos estudos investigativos da metodologia qualitativa radical, iniciamos essa trajetória destacando o caráter subjetivo e artesanal desse método de pesquisa sobre traje de cena que está sendo desenhado.

PALAVRAS-CHAVE: Traje de cena. Metodologia. Experiência.

ABSTRACT

This essay presents the research trail about costume design of popular actor that I have been developing in doctoral studies. The natural way for a research like this would be to trace the historical route, through theoretical and conceptual references, but we chose to start by understanding the experience of those who wear the costume, the actor. By the investigative studies of the radical qualitative methodology, we began this trajectory, highlighting the subjective and artisanal characters of this research method on costume design.

KEYWORDS: Costume design. Methodology. Experience.

Das inquietações provocadas pelo contato com a metodologia de pesquisa qualitativa radical, surge o interesse de refletir sobre o meu modo de investigar. Enquanto eu esperava compreender mais sobre as burocracias normativas aplicadas às artes cênicas, logo, fui surpreendida com a afirmação da professora Marília Velardi¹ “Eu não faço ciência”. Aos poucos fui acordando para o fato de que eu também não quero fazer ciência do ponto de vista tradicional e encerrado em si mesmo, não, eu não sou assim. Esse texto é o retrato atual do que eu sou e do que estou tentando compreender como pesquisadora, artista e docente.

O desafio de todo pesquisador é encontrar-se na imensidão que cerca a sua pesquisa. Descrever-se é talvez a tarefa mais difícil, pois olhar para si ainda é pouco aceitável nos moldes tradicionais da ciência. O pesquisador esteve presente (quase sempre) com um olhar externo, atento a tudo, mas isolado. Por muito tempo, entendeu-se que a pesquisa era um trabalho neutro, racional e individual, mas essencialmente investigativo. Talvez por esse viés explorador, tenham surgido as inquietações sobre como desenvolve-se pesquisa, e a partir disso novas propostas chegaram, e muito ainda está por vir. O método vem sendo discutido e aplicado em suas mais diversas vertentes. Ao olhar para o pesquisador, estamos olhando para a sua

¹Apresentação da disciplina “Introdução as pesquisas qualitativas em artes cênicas”, ministrada em 2017.1, na ECA/USP.

metodologia aplicada a um conteúdo, compreendendo que a especificidade do pesquisador está na forma de tratar e organizar o assunto.

Para ser a jovem pesquisadora que sou hoje, muitas coisas aconteceram, e todas essas experiências são constituintes de quem tenho me tornado. Corroboro com o caráter transformador da experiência, proposto pelo professor Larrosa Bondía. Para ele, a experiência está conectada a ideia de ação transformadora do indivíduo. Num mundo de infinitas informações e divergentes opiniões, a experiência é como um salto no escuro para uma nova descoberta, o indivíduo precisa se permitir passar por esse processo, como uma superfície sensível, para que ao final ocorra transformação (BONDIA, 2002).

Ao olhar para trás, não posso deixar de observar duas áreas do conhecimento que me atraem e que constituem quem eu sou, o teatro e a cultura popular nordestina. Dentro do teatro, o traje de cena assume papel fundamental na minha trajetória enquanto artista e pesquisadora. Tive a oportunidade de trabalhar com muitos espetáculos, a maior parte deles na Paraíba, mas já assinei figurinos para um grupo de Goiânia-GO, e outro em Rio Branco-AC. De 2008 até hoje mantenho uma produção regular de figurinos teatrais, porém nos últimos anos essa produção diminuiu um pouco, tendo em vista o ingresso no mestrado e agora no doutorado. A rotina da produção teatral me proporcionou um saber empírico sobre a criação de figurinos, e aos poucos tenho experimentado diferentes modos de fazer. A cultura popular por sua vez, sempre esteve presente nos períodos de lazer. As festas populares são muito comuns no nordeste brasileiro e esse é um ambiente muito acolhedor para os artistas. O desfile do Carnaval Tradição, com as Tribos Indígenas e o Ala Ursa; a tradicional encenação da paixão de Cristo; as Quadrilhas Juninas; a brincadeira do Boi; o Cavalo Marinho; o Pastoril; a Ciranda; tudo isso fez parte da minha história como manifestações populares da cultura da minha região, onde sempre participei seja dançando Coco de Roda na comunidade do Gurugi, ou assistindo a Nau Catarineta em Cabedelo. Com isso, não estou dizendo que não fui atravessada por outras culturas, e que não tive outras experiências, mas ressalto a importância da minha origem para a construção do que sou hoje.

Atualmente, a minha pesquisa no doutorado reflete tudo isso. O objetivo geral é estudar, a partir da teoria da árvore do traje (VIANA, 2014), o traje de cena do ator popular, e para isso tenho estudado o processo criativo de figurinos no trabalho do ator nordestino, José Maciel, buscando entender a relação entre cultura popular e traje de cena.

A teoria da árvore do traje é um conceito desenvolvido pelo professor Fausto Viana (2014), a partir da ideia de *arbor mundi* da professora Elena Vássina, que entende as raízes da árvore como cultura popular, o tronco como cultura erudita e as folhas e frutos como novas possibilidades de fruição e reflexão artística. Isso faz com que a árvore do traje cumpra um processo cíclico que sempre é renovado, criando uma interseção do universo popular com o acadêmico, com a experiência de compartilhar ideias e ações. Essa teoria também indica que as experiências atravessam a cultura popular, se tornam acadêmicas, formais, institucionalizadas, em um processo de hibridismo como coloca Nestor Garcia Canclini (2003), e esse processo gera resultados, que podem ser geradores de novas sementes, formando um ciclo produtivo. Como exemplo é possível citar as quadrilhas juninas nordestinas,

que surgiram de uma dança de salão, que se tornou acessível para a população, e que no últimos anos tem apresentado figurinos sofisticados, com encenações cada vez mais elaboradas, e tudo isso acontece pelo acesso a novos materiais, novas técnicas, e principalmente a referências como o carnaval do sudeste brasileiro e outras culturas.

A importância desta reflexão sobre José Maciel é destacar as principais relações entre figurino teatral e cultura popular, uma vez que José Maciel é filho de feirantes, e que na infância participou de numerosas manifestações populares, como Quadrilha Junina, Escola de Samba e outros. O interesse dele pelas artes cênicas surge desta interação com o universo da cultura popular, o que o faz buscar por profissionalização como ator. Não é possível apagar as marcas da experiência vivida por ele, ou dissociá-las no processo criativo artístico, incluindo o traje de cena, que o acompanhou da rua ao palco. As peças em que ele trabalha sempre trazem, explicitamente ou implicitamente, detalhes da cultura popular brasileira, na literatura dramática, na interpretação, e na maior parte, essa característica estava presente na visualidade cênica que envolve o figurino.

Falar sobre José Maciel, e da relação dele com o figurino teatral, tem tudo a ver com o meu processo formativo, e com a visão artesanal que tenho do trabalho de pesquisa. É uma reflexão sobre o modo de criação de figurinos na Paraíba, que possui características específicas, demonstradas através das referências culturais, do acesso ao comércio e da visualidade construída a partir disso. Com esta pesquisa, tento contribuir com a reflexão sobre o traje de cena e as possíveis relações com as tradições culturais populares, e com o desenvolvimento teórico deste assunto.

Essa pesquisa está iniciando e existe muito trabalho para ser feito. Enquanto artista, docente e pesquisadora, não poderia buscar outro método que não fosse o qualitativo, pois nessa perspectiva são abertos caminhos sensíveis que são necessários para a compreensão do outro, neste caso o sujeito da pesquisa, o ator José Maciel. Observar a história de vida de uma pessoa por modelos concebidos anteriormente, ou por dados estatísticos é como preencher um formulário. Para essa pesquisa, estou interessada no que está além do texto escrito, estou olhando para acontecimentos reais e como influenciaram as escolhas estéticas de um artista.

A minha metodologia de pesquisa está sendo desenvolvida nesse processo, como um entrelaçamento de experiências de vida, que só é possível por conta da disponibilidade e proximidade que eu tenho com José Maciel. Mas isso também provoca muitas curvas nesse processo, o que não é negativo, pois a cada conversa, me sinto mais integrada ao campo da pesquisa. O que pode ser encarado como problemático do ponto de vista tradicional, eu compreendo como possibilidade de reflexão sobre diferentes modos de pensar. E isso está relacionado ao fortalecimento da atividade de pesquisa e possíveis metodologias do Brasil, como afirma Larissa Pelúcio:

Anunciar o lugar da fala significa muito em termos epistemológicos, porque rompe não só com aquela ciência que esconde seu narrador, como denuncia que essa forma de produzir conhecimento é geocentrada, e se consolidou a partir da desqualificação de outros sistemas simbólicos e de produção de saberes (2012, p.398 – 399).

Na prática, estou trabalhando com a produção de conhecimento através de entrevistas, análises de fotos, jornais e outras informações sobre José Maciel e da Cia Oxente², como os próprios trajes de cena. A escolha pelo uso da história oral se deu pela possibilidade de estar em contato com o sujeito dessa pesquisa, e poder ouvi-lo diretamente. Zeila Demartini (2005) afirma que a história oral é uma abordagem metodológica utilizada como fonte complementar aos documentos disponíveis em outras fontes, e se faz necessário o envolvimento entre pesquisador e objeto/sujeito de estudo. É exatamente sobre essa perspectiva que tenho desenvolvido esse estudo, contando com a abertura e disponibilidade de José Maciel para refletir sobre essas relações através das experiências dele. Já realizei uma entrevista com ele em Campina Grande-PB, no mês de abril de 2017, nesta ocasião ele me confiou o acervo de fotos, matérias de jornal e outros documentos relacionados a carreira artística dele. Já tivemos outros momentos de conversa com Maciel e com outros integrantes da Cia Oxente, falamos dos espetáculos que ele participou como ator, de outros trabalhos dele como encenador que também carregam a regionalidade característica do nordeste brasileiro, principalmente na visualidade cênica. Os figurinistas envolvidos nesse processo também estão sendo ouvidos, pois muito têm a contribuir com esse trabalho.

Atualmente estou trabalhando sobre a análise detalhada de cada espetáculo, observando os pontos de convergência com a teoria da árvore do traje e com os trajes dos folguedos mais representativos na região. Essa análise tem acontecido por meio de fotografias e painéis imagéticos de referências visuais. A imagem abaixo é um exemplo de um desses painéis, e contem os principais personagens representados por Maciel até hoje. A partir desse painel é possível traçar um panorama da trajetória artística de Maciel, principalmente do ponto de vista visual, analisando as escolhas de materiais, cores e modelagens dos trajes de cena. Alguns aspectos chamam atenção, como a repetição de algumas peças, como a camisa estampada, que foi utilizada em dois espetáculos diferentes; a prevalência de tipos masculinos; mas ainda sim a presença do travestimento, quando Maciel representou a professora Guiomar, do texto de Lourdes Ramalho; a maioria das imagens indicam personagens cômicos; e algumas delas tem relação direta com a cultura popular nordestina, até um pouco estereotipados como o cangaceiro, ou o negro Mateus; esses e outros aspectos tem sido levantados pela observação e associação de imagens com o acervo fotográfico do ator.

² Companhia teatral formada por José Maciel e outros amigos.



Figura 1 – Quadro de personagens de José Maciel. Fotos cedidas pelo ator.

Sobre a análise do traje de cena, ter acesso aos trajes tem possibilitado observar os truques e as modificações que foram feitas ao longo dos anos nas roupas. Muitas delas já foram destruídas ou emprestadas. Mas tem sido de grande valor conversar com Maciel sobre esse processo de criação e confecção, ele não é figurinista, mas participa ativamente de todo o processo, seja como ator ou encenador, pois a Cia Oxente nem sempre recebe auxílio financeiro para produção dos espetáculos, e no final todos acabam reutilizando o acervo do grupo, ou próprios, o que implica na atividade permanente de criação.

Para finalizar, gostaria de responder a pergunta que muitos já me fizeram. “Por que José Maciel?” A escolha por Maciel, aconteceu de forma espontânea, mas priorizando duas coisas, suas experiência de vida e a relevância disso no fazer artístico da Paraíba. Seria muito fácil falar de artistas populares com reconhecimento nacional, mas eu escolhi voltar o olhar para uma região que produz muita cultura e quase não é vista. José Maciel representa o ator que vem do povo e representa para o povo, lutando diariamente para viver e fazer a sua arte. Em uma conversa informal ele falou que “faz arte regionalista sim”, e esse é talvez o seu maior objetivo expor a sua própria cultura, o seu povo e suas nuances. de certa forma, esse também é o meu desejo, compartilhar um pouco das experiências estéticas e culturais que me atravessaram.

Tenho certeza de que essa história não acaba por aqui, e que muito tem para contribuir com os modos de pensar e fazer teatro e traje de cena no Brasil. Minha intenção é compreender esses encontros entre o fazer teatral e a cultura do povo através da experiência de José Maciel, um ator atravessado pelo universo popular nordestino.

REFERÊNCIAS

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação, n. 19, p. 20-28, 2002.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas**: Estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 2003.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. **Relatos orais, documentos escritos e imagens**: Fontes complementares na pesquisa sobre imigração. In: ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz; CAMPOS, Maria Christina Siqueira de Souza. História, memória e imagens nas migrações: Abordagens metodológicas. Portugal: Celta Editora, 2005.

PELÚCIO, Larissa. **Subalterno quem, cara pálida?** Apontamentos às margens sobre pós-colonialismos, feminismos e estudos queer. Contemporânea v. 2, n. 2 p. 395-418, 2012. Disponível em: <<http://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/viewFile/89/54>>. Acesso em: 15/05/2017.

SILVA, José Maciel. **José Maciel Silva**: Entrevista [abr. 2017]. Entrevistadora: Tainá Macedo Vasconcelos. Campina Grande. 2017.

VASCONCELOS, Tainá Macêdo. **Alinhavando trajes de cena: Análise da entrevista com o ator José Maciel**. In: COLÓQUIO DE MODA, 14, 2017, UNESP/Bauru-SP.

VIANA, Fausto; BASSI, Carolina (orgs.). **Traje de cena, traje de folgado**. São Paulo: Estação das Letras e Cores Editora, 2014.